

O Portugal das educações (VIIb)

Conteúdo e forma do saber pensar

Uma das aprendizagens escolares que está acima de toda a suspeita saber da sua utilidade social, e que ao mesmo tempo é das mais determinantes para uma progressão escolar com sucesso, é a da aprendizagem da leitura e da escrita e da matemática nos primeiros anos de escolaridade. São aprendizagens que reúnem dois requisitos essenciais para pensar a aprendizagem do trabalho intelectual, isto é, do uso do conhecimento, porque são simultaneamente aprendizagens que podem ser meios/suportes de outras e podem ser fins em si próprios.

A criança quando entra na escola já tem uma linguagem oral muito desenvolvida em que o essencial das estruturas léxicas, semânticas e sintáticas da sua língua materna já estão incorporadas. Pelo contrário, no que se refere ao raciocínio lógico que suporta a aprendizagem da matemática este, no essencial, não está incorporado, a começar, por exemplo, pelo conceito de número. Assim, enquanto em língua portuguesa pode-se ensinar desde logo o código escrito da linguagem verbal materna (o alfabeto e a consequentes correspondências grafema-fonema), pois a familiaridade que se tem com a linguagem em situação é já enorme. Já no que se refere à matemática, o ensino do seu código de linguagem (por exemplo, a numeração) tem pouco sentido como primeira matéria de ensino, pois corresponderá apenas a uma mecanização de sequências de correspondências escritas e orais das representações dos números, aquisição que está longe de contribuir para o desenvolvimento do raciocínio matemático nesta fase.

Que se pode então dizer da qualidade da educação em matemática, por exemplo, da criança que no 2º ciclo não erra uma conta e sabe toda a tabuada e que ao mesmo tempo não consegue entender e muito menos transformar uma multiplicação numa adição com parcelas iguais. Eu direi muito mal desta educação, porque as consequências deste facto são catastróficas, porque quase toda a matemática do 2º ciclo do ensino básico não poderá ser aprendida. (memorizada sim, e mecanizada, mas não aprendida e incorporada no raciocínio sobre situações do quotidiano).

E o que é que se pode dizer da qualidade da educação em língua portuguesa, por exemplo, da criança que no 2º ciclo que tendo uma linguagem verbal fluída sobre o seu quotidiano não consegue ler fluentemente um discurso escrito que transcreve as suas próprias palavras, sem que esta o saiba à partida. Eu também aqui direi muito mal, porque as consequências deste facto são

catastróficas para as aprendizagens noutras disciplinas, pois toda a aprendizagem neste nível de ensino depende em grande parte de uma boa capacidade de leitura.

O que será de assinalar como importante nestas duas situações, é que as razões que as permitem avaliar como de pouca qualidade educativa não são equivalentes. No caso da matemática a falha está no facto de se ter cuidado do código sem cuidar das situações que dão sentido ao uso do código. No caso da língua portuguesa a falha está no facto de se ter cuidado muito das situações expressivas que dão sentido ao uso do código, sem se ter cuidado o suficiente do ensino desse mesmo código.

Em ambos os casos, estamos a referir-nos a saber-pensar, e por isso estamos a tratar do modo como o trabalho intelectual é ensinado e experienciado nos primeiros anos de escolaridade. Mas ao mesmo tempo estamos a indicar que uma resposta generalista, do tipo mais memorização ou mais experienciação de situações, não serve porque existe uma especificidade do conhecimento a ensinar que impõe tarefas cognitivas de diferentes tipos em momentos diferentes.

Dirão alguns mais apressados, da minha geração, que no nosso tempo “não foi preciso tanta complicação”. Pois é, mas quem eram esses que aprendiam? Quem eram esses que não reprovavam? É bom que não nos esqueçamos que em 1969, quando eu entrei no ciclo preparatório, vindo de uma escola pública que tinha crianças das mais diversas origens sociais, apenas vieram comigo dois colegas da minha turma da 4ª classe. Éramos ao todo 45. É por isto que a educação não pode ser apenas matéria do verbo dos amadores e dos generalistas.

Telmo H. Caria
Professor Universitário de Ciências Sociais
<http://home.utad.pt/~tcaria/index.html>